

LUCÃO

AMORES

AO SOL



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.



FRANÇA

ANDORRA

ESPAÑA

PORTUGAL

Planeta

Toulouse

Barcelona

Valência

Santiago de Compostela

Oviiedo

León

Astorga

Ponferrada

Sarria

Arzua

Negreira

O Pedrouzo

Fisterra

Burgos

Logroño

Pamplona

Compostela

Madrid

Lisboa

OCEANO ATLANTICO

Trecho anticipado para divulgação. Venda proibida.

Mapa do Caminho Francés para Santiago de Compostela

Prólogo

Sábado, Guarulhos, São Paulo

Estou a um dia de começar o maior desafio que já enfrentei na minha vida. E neste exato momento, como se a ficha só tivesse caído agora, uma mistura de ansiedade e medo me domina.

Faz uma hora que estou sentado no chão do Aeroporto Internacional de Guarulhos, em São Paulo, pensando na loucura que fiz ao decidir viajar à Espanha para cumprir o Caminho de Santiago de Compostela. Enquanto o meu celular recarrega em uma tomada próxima aos banheiros, começo meu diário de bordo na expectativa de diminuir a ansiedade e enfrentar com mais coragem o temor da caminhada.

Faltam duas horas para o meu voo decolar para Madrid. Tenho tempo de sobra para voltar atrás e desistir. Penso muito em desistir. Em ficar no Brasil.

Dizem que o Caminho começa bem antes de pisar nas trilhas que levam a Santiago. Que, na verdade, ele começa quando decidimos fazê-lo. Concordo. Desde que comprei as passagens para Madrid, o Caminho não sai da minha cabeça. Sonhei com lugares que nunca conheci, acordei cansado, como se tivesse caminhado uma noite inteira. Às vezes, pensei estar delirando.

Também dizem que o Caminho pode ser alucinante para algumas pessoas. Há relatos de peregrinos que, mesmo estando

fisicamente bem, não conseguiram terminar a jornada. Alucina-
ram, voltaram piores do que foram.

Fisicamente, me sinto bem. Mas tenho muitas dúvidas do
que vou enfrentar e como vou suportar a dureza da Caminhada,
a distância do Brasil, a saudade, a solidão.

Na tentativa de me encontrar, tenho medo de me perder.



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Numa vida bem vivida,
cada segundo que passa
é uma saudade que fica.

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Caminhos



Meu voo chega cedo em Madrid. Logo que desço do avião, sinto o calor que me aguarda nos próximos dias. É verão na Europa e a temperatura na primeira hora da manhã confirma o rigor da estação. Guardo minha blusa na mochila, sem deixar de imaginar como estará o tempo nas mesetas espanholas, planaltos no meio da Espanha. Nessa estação, é o trecho mais duro porque é muito seco, árido. O meu Caminho começa exatamente nesse ponto, bem no centro da Espanha, no início das mesetas. Sigo pelas intermináveis esteiras do aeroporto como quem atravessa um deserto, até chegar à seção de bagagens.

A mochila veio comigo no avião, mas tive que despachar alguns itens em outra bolsa, como líquidos, tesoura e um par de bastões retráteis. Recolho minha bagagem da esteira, junto todos os meus pertences na mochila, joga-a nas costas e sigo para a imigração. O atendimento é rápido, não tenho problemas com

a fiscalização e, antes das sete da manhã, ando pelo aeroporto à procura de saídas. Como inúmeros peregrinos que vêm para o Caminho de Compostela, procuro saídas.

O Aeroporto de Barajas é muito grande. Estou no Terminal T4S. Para chegar ao terminal onde vou pegar o meu ônibus para Burgos, preciso caminhar até o de número 4, pegar um metrô que faz a conexão para os outros terminais do aeroporto e, finalmente, chegar ao Terminal 1. A previsão é que todo o percurso demore uma hora.

O primeiro ônibus para Burgos sai às dez da manhã. Tenho tempo de sobra para andar devagar e admirar a arquitetura dos terminais recém-reformados. O aeroporto é muito bonito, com estruturas metálicas coloridas e um design moderno. O amarelo predomina na arquitetura e remete, mais uma vez, ao sol. Sinto calor e um pouco de medo do Caminho.

Durante o percurso, perco-me algumas vezes, recorro ao balcão de informações e gasto minhas primeiras palavras em espanhol. Nada mal para o primeiro contato com a língua. Descubro que já estou no Terminal 1. Caminho um pouco mais pelos corredores e logo avisto os guichês da companhia de ônibus que me levará a Burgos. Estão praticamente vazios. Em poucos minutos estou com o bilhete da passagem na mão.

Chego à pequena estação rodoviária, dentro do terminal, antes das oito da manhã. Faltam mais de duas horas para a partida, preciso me distrair. E também preciso de um bom café da manhã. A viagem será longa, de três horas. Um café reforçado vai me cair bem.

No trajeto, cruzo com um quiosque de telefonia móvel e aproveito para comprar um chip local, que será o meu meio de comunicação com o Brasil nos próximos dias. A compra, mais uma vez, é rápida. O aeroporto ainda acorda enquanto perambulo por aqui. As lojas abrem aos poucos.

Com o chip instalado, mando notícias para a família. Conto que está tudo bem, e isso é tudo que eu preciso dizer agora: que tudo está bem. Não quero falar sobre a saudade e o medo que, quanto mais me aproximo do Caminho, mais tomam conta de mim. Mesmo sabendo que, numa vida bem vivida, a saudade e o medo são tão vitais quanto o ar que respiro, não quero deixá-los preocupados.

Sigo para o café. Escolho a cafeteria mais vazia para me sentar e encostar a mochila com segurança. Minha mochila será a minha grande companheira nessa caminhada. Precisamos cuidar muito bem um do outro, com o mesmo zelo com que cuidamos de uma boa amizade. Eu a carregarei por todo o trajeto, enquanto ela guardará, com segurança, os poucos itens que eu trouxe. Esse é o nosso acordo.

Na mochila, somente o necessário para andar e dormir com um pouco de conforto: três pares de roupas de verão, uma blusa de frio leve e outra à prova de chuva, uma calça de moletom para noites frias, outra mais leve para caminhadas, uma sandália, um par de bastões retráteis, itens de higiene pessoal, passaporte, um livro, lanterna, carregador de celular, pomadas e remédios para dor. A mochila pesa entre oito e nove quilos, que, bem distribuídos, parecem mais leves. Ela também tem um bom apoio para as costas e a cintura. Quando encaixada no corpo, somos um só.

Tomo meu café com calma, enquanto observo o vaivém das pessoas na estação. A cada minuto, gente do mundo todo cruza Barajas. Dizem que o caminho também é assim, repleto de pessoas de todos os cantos, que se encontram e se perdem juntas, rumo a Santiago de Compostela, cada uma em busca de algo: algumas em busca da fé; outras, de coragem, aventura, experiência espiritual, paz... Dizem que muitas pessoas chegam aqui sem saber o que buscam. Mas que, assim que pisam no Caminho, encontram sua jornada. É o que dizem.

Gasto mais de uma hora sentado, enquanto observo o movimento das pessoas no aeroporto. O tempo voa. Quando olho no relógio, vejo que falta meia hora para o ônibus partir. Levanto-me, ajusto a minha companheira de viagem nas costas e começo a caminhar rumo à estação de ônibus. Sentar, guardar a mochila. Levantar, pegar a mochila. Rotina que se repetirá por mais de vinte dias de caminhada.

Pontualmente às dez, o ônibus estaciona na estação. Duas filas se formam: uma de frente para a porta de entrada dos passageiros e outra maior, próxima ao bagageiro. Com medo de me perder da mochila, me posiciono na fila de entrada do ônibus, mas logo sou advertido pelo motorista. Minha mochila é grande demais para ir com os passageiros. Pela primeira vez na viagem, precisamos nos separar. Com medo, acomodo-a no compartimento repleto de malas e subo.

Mesmo pensando em mil coisas, na mochila, na saudade e no Caminho, assim que me sento na poltrona, adormeço. Estou exausto da viagem. Foram mais de dez horas dentro do avião, do Brasil à Espanha, sem contar as conexões. Durmo como se já tivesse cruzado uma Espanha a pé.



Acordo desorientado, sem saber quanto tempo dormi. Olho para fora, vejo campos de girassóis que se perdem na paisagem e se fundem à cor dourada do céu. O sol derrete todo o horizonte.

Foi muito difícil escolher a data para fazer essa caminhada. A primavera e o outono são as estações mais agradáveis para os peregrinos, com temperaturas amenas e campos mais bonitos de apreciar. Só que chove bastante. No inverno, a temperatura abaixa para quase zero e deixa a jornada, em vários trechos, bastante perigosa. O verão é o oposto, quase não chove e, com

muito sol e calor, a caminhada pode até ser desgastante, mas previsível. Acostumado com temperaturas mais altas, o verão me pareceu a melhor estação, principalmente por não precisar carregar itens pesados na mochila. Não posso correr o risco de me machucar com o sobrepeso nas pernas e terminar o Caminho mais cedo. Meus dias aqui são contados. Tenho três semanas para completar os quatrocentos e noventa quilômetros que separam Burgos de Santiago.

Pouco antes de uma da tarde, o ônibus estaciona na pequena rodoviária de Burgos. O dia está bonito lá fora. Mesmo com o sol forte, a cidade parece refrescada por suas belezas. Da janela do ônibus, vejo as folhas das árvores, que balançam como se me dessem as boas-vindas.

Desço do ônibus assim que a porta se abre. Corro para o bagageiro. O motorista demora a abrir o compartimento. A ansiedade para reencontrar minha mochila só aumenta. Para o meu alívio, ela está intacta. Antes de colocá-la nas costas, abraço-a discretamente, como dois namorados tímidos que se reencontram numa rodoviária.

O meu próximo passo antes de contemplar a cidade é encontrar o albergue da minha primeira noite na Espanha. O Caminho, para mim, começa amanhã bem cedo. Antes, preciso garantir uma cama. O verão é a estação mais procurada por peregrinos europeus, por conta das férias escolares. É quando os albergues lotam de gente do mundo todo. Por isso, a minha pressa.

Os albergues do Caminho são abrigos exclusivos para quem faz a jornada. Para se hospedar é preciso comprovar que é peregrino com uma Credencial de Peregrino oficial, que se obtém em igrejas ou associações de peregrinos. A minha, eu consegui no Brasil, numa associação na cidade do Rio de Janeiro.

Os albergues estão espalhados por toda a rota e as opções são diversas: há albergues privados, paroquiais e públicos. Dizem

que os públicos e paroquiais proporcionam experiências mais bonitas, por serem mais simples e acolhedores. São mantidos pela paróquia ou prefeitura da cidade. Por isso, a taxa de hospedagem neles é mais barata e serve somente para manter os lugares limpos e conservados. São muitas as histórias de peregrinos que, depois de terminarem a caminhada, voltam para trabalhar como voluntários temporários nesses albergues. Uma forma de ajudar a preservar a tradição do Caminho.

Acelero meu passo à procura do Albergue Municipal. A única referência que tenho para encontrá-lo é a Catedral da cidade. Sei que o albergue fica em uma rua lateral bem próxima à igreja. Decido caminhar junto a um grupo de turistas que parte da estação. Assim que começo a andar, sinos ressoam por todos os lados. Olho no relógio, é uma da tarde e o barulho não me deixa dúvidas de que são os sinos da Catedral. Apresso meu passo por mais uma quadra, viro à esquerda na esquina por onde todos seguem e vejo-a imponente: noventa metros de altura e quase mil anos de vida impregnados nas paredes duras de pedra. Pela primeira vez na viagem, me emociono. Um instante em que me encho de felicidade de pensar que aquele enorme e seco paredão guarda histórias milenares de guerra e paz. Gasto um instante por ali antes de seguir minha busca por uma cama.

É domingo e Burgos tem cara de cidade feliz. Crianças correm entre os jardins, à margem do rio que corta toda a cidade. O verde, todo bem cuidado, parece crescer com o barulho das águas. Uma sinfonia que só é interrompida de hora em hora pelos sinos da igreja.

Vou atrás de informação para encontrar o albergue. Sei que ele está próximo. Procuo me orientar na recepção da Catedral. Sou atendido com muita simpatia e, sem dificuldade, entendo que estou bem perto. A duas quadras da igreja, pela rua principal, viro à esquerda numa ruela exclusiva para pedestres. Subo duas

pequenas escadas que dão para a rua de trás da igreja e avisto à minha frente um portão bem alto de madeira. É aqui. Uma porta pesada, rodeada por pedras, compõe o pequeno e antigo prédio, espremido entre outros edifícios.

O portão está semiaberto. Entro rápido, chego a uma antesala e empurro uma porta de vidro, que me leva a outra sala, a recepção do refúgio. Nela, avisto uma fila de pessoas formada de frente para uma bancada de madeira. Atrás da bancada, dois atendentes fazem o registro das pessoas que chegam. Algumas mochilas estão enfileiradas sobre um banco baixo, escoradas na parede. Acomodo minha bagagem por lá e tomo meu lugar na fila.

Não demora para eu ser atendido. Ao contrário do que havia pensado, o albergue tinha acabado de abrir. Somos os primeiros hóspedes a chegar. O voluntário que me atende percebe que é o meu primeiro dia na jornada.

— Logo você se acostuma — fala em um espanhol fácil de entender.

— Com o quê? — pergunto.

— Com isso, a rotina do peregrino. Chegar, fazer o registro, subir, arrumar sua cama, tomar um banho, almoçar... depois descansar, jantar, conhecer a cidade e dormir. Acordar, caminhar, chegar a uma nova cidade e começar tudo outra vez. Logo você se acostuma — explica-me enquanto gesticula com as mãos a rotina de um peregrino.

— Ah, sim! Espero que sim.

Muito simpático, solicita minha credencial de peregrino para carimbá-la pela primeira vez. Em seguida, faz meu registro no albergue e me informa sobre a acomodação. Fala dos horários de funcionamento, da abertura e fechamento do portão e me conduz para dentro da hospedaria. O prédio tem dois andares, além do térreo. No térreo ficam a área de serviço e a cozinha

coletiva, com várias mesas e cadeiras. Ele me diz que aquele é um lugar de convívio. Os peregrinos podem cozinhar suas próprias comidas ou promover ceias comunitárias, que são ótimas para se conhecerem melhor, ouvir histórias e relaxar.

Em seguida, subimos para o dormitório, no primeiro piso. O espaço é enorme, cheio de beliches, divididos por pequenas muretas de cimento. Cada cama tem um pequeno armário embutido lateralmente, com trancas para guardarmos as mochilas. Fico feliz de não ter que me preocupar com segurança na minha primeira estadia. O hospitaleiro aponta minha cama e se despede para atender o próximo peregrino.

Apesar de vazio agora, tenho certeza de que o lugar, em breve, estará repleto de peregrinos. Corro para acomodar minha bagagem e tomar o meu banho. Conheço a rotina de albergues e, por mais bem cuidados que sejam, encontrar um banheiro limpo é tão raro quanto tomar um banho de água quente. Uma das dicas mais importantes que ouvi antes de vir, e que mais se repetem, é a do banho: “Dê prioridade ao banho, sempre”.

A ducha estava ótima. Terminado de me arrumar, guardo a mochila no armário, estico meu saco de dormir sobre a cama, pego minha toalha e estendo-a no varal, que fica na varanda do quarto. Desço para conhecer a cidade com calma. Também preciso almoçar. Estou faminto outra vez.

O dia continua bonito em Burgos. Saio do albergue, a rua está tomada por sombras e brisa. Sigo por uma praça, que parece ser o centro gastronômico da cidade. Sem ter um lugar específico para comer, resolvo deixar a intuição me levar. Ando pelas ruas enquanto experimento os sabores das comidas com os olhos e o olfato. Antes que as opções terminem, avisto uma bandeira verde-amarela estendida na porta de um restaurante. Por mais que eu também queira experimentar os sabores locais, não resisto e entro. Não é pela comida. Minha esperança é de encontrar

brasileiros, compartilhar minha alegria e angústia de fazer o Caminho sozinho.

Um garçom me recebe com um entusiasmo “Bem-vindo ao Brasil!”. Agradeço e me sento numa pequena mesa perto da porta. Com um sorriso, o garçom me pergunta:

— Feijoada ou picanha? — Nós dois rimos.

Conversamos um pouco antes de fechar o pedido. Descubro que ele também é brasileiro e está na Espanha há sete anos. Conतो que é o meu primeiro dia no país e que, no dia seguinte, saio cedo rumo a Santiago de Compostela. Ele conhece o Caminho, apesar de nunca ter feito.

— Cada ano que passa há mais brasileiros pelo Caminho. Você vai encontrar algum por aí — ele comenta.

Enquanto aguardo a comida, penso em como seria mais fácil fazer o percurso com um brasileiro ao meu lado.

A comida chega e se vai quase no mesmo instante. Ao contrário do que havia me sugerido o garçom, como uma pasta nada brasileira, à carbonara, acompanhada de uma taça de vinho tinto local. Meu corpo pedia macarronada como se já estivesse preparando reservas para as longas caminhadas que estavam por vir. Depois de pagar a conta, saio satisfeito por ter comido tão bem e encontrado um brasileiro. Por mais que não tenha sido um peregrino, sinto-me um pouco mais acolhido. Sem pressa e direção, caminho devagar pela cidade.

Fico um bom tempo dando voltas pelas ruas da parte histórica de Burgos. Observo as pessoas e o que mais vejo são peregrinos, ainda com suas mochilas nas costas, à procura de comida e cama. Burgos fica exatamente no meio do Caminho Francês. O Caminho completo, saindo de Saint Jean Pied de Port, na França, fica a oitocentos e vinte quilômetros de Santiago, e me custaria de trinta a quarenta dias na rota. Como eu só tenho vinte dias de férias, escolhi começar meu Caminho daqui, de Burgos.